

MULTIFUNCIONALIDADE DO ITEM “AGORA” NAS INTERAÇÕES DO PERSONAGEM GATÃO DE MEIA-IDADE

Maria da Penha Pereira LINS⁴³

Rivaldo CAPISTRANO JÚNIOR⁴⁴

Resumo: Este trabalho propõe averiguar, com base no paradigma da gramaticalização, no âmbito da linguística funcional, e da Linguística Textual, o estatuto gramatical e textual do item “agora” e suas respectivas funções em tiras de quadrinhos de Gatão de meia-idade, de Miguel Paiva.

Palavras-chave: Agora. Gramaticalização. Linguística textual.

Abstract: *According to the functionalism, and based on the grammaticalization paradigms, and Textual Linguistics, this work intends to verify the syntactic-textual statute of the item “agora” found in the Miguel Paiva’s comics, Gatão de meia-idade.*

Keywords: *Now. Grammaticalization. Textual linguistics.*

⁴³ Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Membro do Núcleo de Estudos sobre Texto e Discurso (NETED), Vitória, Espírito Santo, Brasil, mpenhalins@gmail.com

⁴⁴ Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Membro do Núcleo de Estudos sobre Texto e Discurso (NETED), Vitória, Espírito Santo, Brasil, r.capistrano@uol.com.br

Considerações iniciais

Este trabalho objetiva, com base no paradigma da gramaticalização, no âmbito da linguística funcional contemporânea, em interface com a Linguística Textual, desenvolver uma análise das funções do item *agora* em tiras do *Gatão de meia-idade*, de Miguel Paiva.

Em relação às funções assumidas, *agora* segue uma trajetória, que parte do sentido mais concreto para um sentido gradativamente mais abstrato. Neste estágio, passa a desempenhar não apenas uma função não adverbial, como também função típica de sequenciador textual.

Foram utilizadas como *corpus* para este trabalho 14 tiras, publicadas no livro *Gatão de meia idade*, volumes 1 e 2. A opção pelas tiras do *Gatão* se fez pela própria temática. Miguel Paiva, ao retratar o universo de um profissional liberal, quarentão, descasado e com uma filha pré-adolescente, utiliza uma linguagem mais próxima do registro falado informal, o que faz com que os diálogos presentes nas tiras do *Gatão* se aproximem bastante da conversação do dia a dia. Dessa maneira, os diálogos, estrategicamente, parecem estar no entremeio do oral com o escrito, uma vez que constituem um texto planejado para parecer não planejado, ou seja, parece haver uma preocupação de se construir uma espontaneidade verbal (LINS, 2004). Tal característica constitui dados pertinentes à questão do *continuum* fala-escrita e da língua em uso.

Esta pesquisa apoia-se no paradigma da gramaticalização, nos moldes em que é tratado por Heine et al. (1991), Hopper e Traugott (1993), Martellota, Votre e Cezario (1996) e Martellota e Votre (1998), e, para orientar a descrição e a análise de dados de natureza textual, tais como a progressão tópica e a articulação textual, convoca-se uma possível interface entre a Linguística Textual (KOCH, 2014, 2015; FÁVERO, 1992) e a teoria da Gramaticalização. Busca-se, com isso, uma análise mais integrada da multifuncionalidade do item *agora*.

A Gramática Funcional

Segundo o paradigma do Funcionalismo norte-americano (HOPPER, 1987) a língua é dinâmica e maleável e se adapta continuamente às necessidades comunicativas dos seus usuários, isto é, a fatores de natureza interacional. Assim, no intuito de melhor se expressar, no desejo de ser enfático, entre outros fatores, o sujeito “molda” a língua aos seus propósitos comunicativos. Em outras palavras, a situação real de interação, o discurso, motiva a gramática, e a gramática é o resultado da regularização de estratégias linguísticas recorrentes

Para o funcionalismo, a gramática⁴⁵ de uma língua não é concebida apenas como sistema de regras fixas e acabadas, mas também como um sistema formado por um conjunto de regularidades decorrentes de pressões de uso, cuja estrutura está num contínuo processo de variação e adaptação. Trata-se de uma gramática orientada para o uso, ou seja, para o texto, entendido como componente funcional, no qual os significados são delineados e as funções são operadas. Nessa orientação, “gramática funcional e linguística do texto se aliam no tratamento de processos de constituição do enunciado” (NEVES, 2006, p. 27).

É nessa concepção de gramática como estrutura maleável que o estatuto teórico da gramaticalização é convocado a fim de explicar a fluidez do sistema linguístico.

Gramaticalização

O termo gramaticalização aparece em 1982 no trabalho de Meillet (1982), *L'évolution des formes grammaticales*, para indicar a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra outrora autônoma. No entanto, o sentido que hoje lhe é atribuído aponta para um fenômeno mais amplo de análise, que não contempla apenas uma palavra ou morfema. Seu estudo necessariamente deve ser feito do ponto de vista de modelos fluidos da língua (TRAUGOTT; HEINE, 1991).

Hopper e Traugott (1993) definem gramaticalização como o processo de mudança que leva elementos de valor lexical a assumirem valores gramaticais e elementos gramaticais a assumirem funções ainda mais gramaticais. Durante o processo, ocorrem, necessariamente, alterações semânticas (desbotamento) e estruturais. Assim, quando um item se torna mais gramatical, passa a assumir posições mais fixas na cláusula, tornando seu uso mais previsível; quando se torna menos gramatical, assume “funções relacionadas ao processamento do discurso, perdendo as restrições gramaticais típicas de seus usos originais...” (MARTELOTTA, VOTRE, CEZARIO, 1996, p. 45-46).

Compreende-se por itens lexicais os que fazem referência ou descrevem coisas do mundo biossocial (entidades, qualidades, ações) – os nomes, os verbos, os adjetivos e os advérbios. Por outro lado, os itens gramaticais caracterizam-se como elementos funcionais, ou seja, aqueles que propiciam a organização de itens lexicais no interior do discurso – as

⁴⁵ É de Hopper (1987) a noção de “gramática emergente”, no sentido de que a gramática está num contínuo fazer-se, pois novas estruturas gramaticais são desenvolvidas à medida que surgem necessidades comunicativas não preenchidas e necessidades de dar conta de conteúdos para os quais não existem designações linguísticas adequadas.

preposições (relacionam nomes), os conectores (relacionam partes do discurso), os pronomes e os artigos (identificam entidades e participantes do discurso) e os morfemas verbais e nominais (indicam tempo, aspecto, modo, gênero e número).

Os advérbios e os adjetivos têm classificação à parte, em três categorias, conforme Hopper e Traugott (1993): categoria maior [nome, verbo, pronome], categoria mediana [adjetivo e advérbio] e categoria menor [preposição, conjunção].

É numa primeira etapa do processo de gramaticalização que se constituem os conectores, ou seja, na transição do léxico/ discurso para a sintaxe. Nesse percurso de gramaticalização, observa-se a operação de dois mecanismos em especial: transferência metafórica e pressão de informatividade – metonímia. Considera-se que esses dois mecanismos podem atuar no processo de gramaticalização simultaneamente ou em momentos distintos.

Heine et al. (1991) destacam a metáfora como um dos principais mecanismos que subjazem ao processo de gramaticalização. Explicam que o uso de um determinado termo linguístico para um novo conceito envolve um processo pelo qual dois conceitos diferentes são metaforicamente igualados; o termo que é usado para um deles é, também, entendido para se referir ao outro.

É pela transferência metafórica que conceitos mais complexos são descritos por meio de conceitos menos complexos (concretos); estes últimos constituem os chamados conceitos fonte do processo de gramaticalização, os lexemas, que se referem a experiências humanas concernentes a estado físico, comportamento ou meio-ambiente. Entre os possíveis conceitos-fonte podem-se destacar os lexemas que designam partes do corpo; fenômenos naturais; verbos dinâmicos, de processos mentais, de postura; quantificadores; demonstrativos, além de outros.

No processo de gramaticalização, domínios-fonte mudam para domínio alvo a partir de uma similaridade funcional entre fontes e alvos potenciais. Desse modo, veem-se experiência não física, compreendida em termos de experiência física, tempo em termos de espaço, relações abstratas em termos de processos físicos ou relações espaciais. A partir disso, é possível que indicadores de pontos no espaço, como, por exemplo, dêiticos locativos, passem a designar pontos no discurso, atuando como dêiticos discursivos.

Também é possível que indicadores de tempo, como, por exemplo, alguns anafóricos temporais, possam atuar como conectores sequenciadores temporais. A partir do significado espacial e temporal, o significado mais concreto serve de base para o surgimento de significado mais abstrato e que tem atuação na organização do discurso.

A utilização de termos já existentes na língua para expressar novos conceitos, segundo o princípio de que conceitos concretos são utilizados para descrever conceitos menos concretos, ou abstratos, é possível de acordo com a seguinte escala de derivação unidirecional (HEINE et al., 1991):

PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE

Essa escala, cujos elementos constituem domínios de conceituação importantes para organizar a experiência em termos cognitivos, destaca a similaridade entre fontes e alvos. A relação entre as categorias é metafórica, no sentido de que se torna possível a cada uma dessas categorias caracterizar qualquer categoria à sua direita. É a metáfora categorial, em que a primeira categoria constitui o veículo para a expressão da segunda; como, por exemplo, “tempo é espaço”.

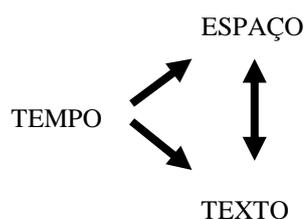
Heine et al. (1991), ancorando-se nessa escala de derivação, propõem um percurso de gramaticalização para os conectores em que a origem espaço-temporal da forma fonte é largamente evidenciável no surgimento de variados conectores.

Outro mecanismo pelo qual se dá a gramaticalização é a metonímia. Esse processo decorre da associação conceitual de contiguidade entre entidades em contextos linguísticos específicos. Um item linguístico usado em referência a uma entidade passa a ser usado, também, em referência a outra. É a especificação de um significado em termos de outro que está presente no contexto – o que representa uma transferência semântica pela contiguidade, diferente da metáfora, que envolve a especificação de um conceito, geralmente mais complexo, em termos de outro não presente no contexto, o que representa uma transferência semântica pela similaridade de percepções de sentido.

No processo de gramaticalização por metonímia um mecanismo de mudança é a inferência por pressão de informatividade, que designa o processo em que, por convencionalização de implicaturas conversacionais, o item linguístico assume um valor novo inferido do valor original, que emerge do contexto de uso (TRAUGOTT; KÖNIG, 1991). Isto significa que, quando uma implicação surge com determinada forma linguística, pode passar a ser tomada como parte do significado desta, ou, ainda, chegar a substituir o significado. É o caso de, por exemplo, em determinados contextos, conceitos espaciais poderem levar a implicaturas temporais. No desenvolvimento do processo, a interpretação temporal pode se tornar convencionalizada.

Bybee et al. (1994, apud TAVARES, 1999) observam que esses dois mecanismos de mudança ocorrem em diferentes estágios da gramaticalização. A metáfora acontece em estágios iniciais, quando o conteúdo semântico é específico, e a metonímia é responsável pelas mudanças entre significados que são mais abstratos, o que ocorre nas etapas posteriores do processo, quando uma forma gramaticalizada continua a adquirir funções gramaticais. Nas palavras dos autores, “quando um significado gramatical torna-se mais abstrato e mais eroso, torna-se menos sujeito à metáfora e mais sujeito às pressões contextuais que geram mudança por inferência”.

Heine et al. (1991) propõem a seguinte escala para ilustrar o percurso de gramaticalização para os conectores:



De acordo com essa escala, elementos que indicam espaço, por transferência metafórica, passam a ser empregados como indicadores temporais e, posteriormente, como organizadores do espaço textual, havendo a possibilidade de ocorrer um percurso do espaço externo diretamente para o espaço textual.

Tavares (1999) relaciona a esse percurso de gramaticalização o desenvolvimento de *aí*, *daí*, *então* e como conectores a partir de uma base adverbial. Cita como exemplo o *então* anafórico espacial (sinônimo de *nesse lugar*) que, ao iniciar seu processo de gramaticalização no latim, torna-se um indicador de tempo (sinônimo de *nessa época* ou *nesse momento*), passando, a seguir, a exercer funções no nível da interligação textual, como a sequenciação de eventos e a introdução de efeito.

Especificamente em relação à gramaticalização de conectores, Traugott e König (1991) chamam a atenção para a inferência por pressão de informatividade, mecanismo relacionado à metonímia. É um processo em que um item linguístico assume um valor novo, inferido do valor original, devido à convencionalização de implicaturas conversacionais por meio de pressões do contexto de uso. Assim, quando surge uma implicação, certo item linguístico pode ser tomado como parte do significado desta mesma forma linguística. Por isso, conceitos espaciais acabam por licenciar implicaturas temporais.

Além da pressão por informatividade, outro mecanismo de mudança na reorganização da estrutura do enunciado é a reanálise, que leva à reinterpretação dos elementos que o compõem. É o caso, por exemplo, do Inglês, em que o elemento *that*, de pronome catafórico passa a conectivo.

I said that: John is coming > I said that John is coming.

A reestruturação da frase leva a uma mudança na função do item “*that*”, que, inicialmente ligado à oração anterior, passa a fazer parte da oração seguinte. Tal fenômeno parece evidenciar que o processo de gramaticalização não abrange apenas itens lexicais, mas também construções que se instanciam na língua e grandes porções textuais (ROSÁRIO, 2012).

Os estudos em gramaticalização oferecem uma explicação pertinente de como e por que as categorias e construções gramaticais surgem e se desenvolvem devido a motivações internas (sistema linguístico) e externas (intersubjetivas, sociais e cognitivas).

Linguística Textual

Segundo Koch (2004, 2014), a Linguística Textual surge, na Europa Central, na segunda metade dos anos 1960, como uma expansão de análise linguística além da oração. A princípio, numa orientação sintático-semântica, buscou-se não só analisar fenômenos como a correferenciação, a correlação de tempos verbais, o uso de articuladores interfrasais, a seleção de artigos etc., mas também estabelecer um sistema de regras que permitiria aos sujeitos, por exemplo, identificar, resumir, parafrasear um texto, entendido como uma unidade formal hierarquicamente superior à oração.

No final da década dos anos 1970, em perspectiva pragmática, o texto, entendido como unidade básica de comunicação e interação humana, é o lugar da realização de intenções comunicativas e sociais dos falantes. Trata-se de uma atividade verbal realizada por meio da seleção, sistematização e ordenação de elementos linguísticos, de acordo com os propósitos de dizer de seus usuários.

Nos anos 1980, em perspectiva cognitiva, o texto é resultado de ativação de processos mentais e se origina de uma multiplicidade de operações cognitivas interligadas. Partindo do pressuposto de que todo fazer (ação) é acompanhado de processos de ordem cognitiva, estudiosos defendem que o processamento textual é estratégico e mobiliza *online* diversos sistemas de conhecimento.

Atualmente, em perspectiva sociocognitiva e interacional, parte-se do pressuposto de que a cognição é um fenômeno situado e que as ações não são simples realizações autônomas de sujeitos livres e iguais, mas se desenrolam em contextos sociais, com finalidades sociais e com papéis distribuídos socialmente. Desse modo, a cognição, o social, o interacional e a linguagem são vistos de maneira imbricada e mutuamente constitutivos. E, portanto, nessa perspectiva teórico-metodológica interdisciplinar, o texto é uma “entidade multifacetada”, “fruto de um processo extremamente complexo de interação social e de construção social de sujeitos, conhecimento e linguagem” (KOCH, 2004, 2015).

Nesta perspectiva, ganha relevo a análise de unidades linguístico-textuais, como elementos de ligação textual, progressão sequencial, tópico discursivo etc.

Análise dos usos de *agora* nas interações do *Gatão de meia-idade*

O *agora*, na função de dêitico temporal⁴⁶, é identificado, neste trabalho, da mesma forma que os gramáticos e o senso comum o consideram. É visto como advérbio de tempo e apresenta os seguintes traços [+referência presente], [+circunstanciação verbal] e [+mobilidade], como na figura 1:



Figura 1: Gatão de meia-idade, de Miguel Paiva
Fonte: Paiva, 1996

Agora atua como um dêitico temporal prototípico. Equivale semanticamente a “neste momento”, “no momento presente”, remetendo ao tempo pontual da interação (tempo presente). Na função dêitica, pode ser mudado de posição na estrutura do sintagma sem alterar o sentido do mesmo.

Tradicionalmente, os advérbios são palavras invariáveis que, do ponto de vista funcional, modificam essencialmente o verbo. No entanto, os advérbios oscilam entre o léxico

⁴⁶ Segundo Cavalcante (2011), os dêiticos de tempo “são os que situam o ponto de origem do falante (e seu interlocutor) no momento em que a mensagem é enunciada” (CAVALCANTE, 2011, p. 99).

e gramática, organizando o texto e indicando, do ponto de vista das interações, atitudes epistemológicas, afetivas que os sujeitos imprimem a seus dizeres.

O item *agora* pode, também, assinalar ampliação do momento pontual da fala para um contexto maior. No caso da tira da figura 2, *agora*, acompanhado de *até*, aproxima um período de tempo anterior ao momento da fala, assinalando que a situação descrita não mudou.



Figura 2: Gatão de meia-idade, de Miguel Paiva
Fonte: Paiva, 1995

Na figura 2, *agora*, que pode ser parafraseado por “momento”, parece desempenhar uma função durativa, reforçada pelo item *até*, que marca um limite no tempo, ou seja, a situação descrita nas tiras em análise não mudou até o presente momento da enunciação.

Quando *agora* prototípico perde o traço [referência presente], esse item pode adquirir o traço [+ referência passada] ou [+ referência futura].

Esse uso, vinculado a um fato que ainda está para acontecer, pode ser observado na tira da figura 3:



Figura 3: Gatão de meia-idade, de Miguel Paiva
Fonte: Paiva, 1995

No primeiro quadro da figura 3, o Gatão, após um dia de trabalho, faz planos para noite. O item *agora* marca o início de ações a serem realizadas, podendo ser parafraseado por “em seguida” ou “daqui a pouco”. Além de expressar [+ referência futura], esse item relaciona contraste entre tempo passado x tempo futuro, o que pode ser comprovado no esquema que segue:

Antes	Agora
Trabalho no escritório	Daqui a pouco, tomar banho e cair na noite

QUADRO 1 – Agora temporal

Esse uso de *agora*, ao relacionar ações passadas e futuras, na figura 3, parece indiciar o caminho para a reanálise em *juntivo*, responsável pela sequenciação textual, importante estratégia textual que permite o avanço do texto.

Na função de *sequenciador*, *agora* adquire traço [+conector de sequenciação] e estabelece uma relação de continuidade entre as informações do enunciado. Sua função é, nas tiras, é marcar a relação de sucessão temporal dos eventos, exercendo a função de articulador textual⁴⁷. Nessa função, *agora* pode ser parafraseado por “em seguida”, “a seguir”.



Figura 4: Gatão de meia-idade, de Miguel Paiva
Fonte: Paiva, 1996

Na figura 4, *agora* funciona como conector de sequenciação. A namorada do Gatão dá instruções acerca de como despi-la; e quando ela utiliza *agora*, este propicia a continuidade dessas instruções, que devem ser seguidas. A função de *agora* é a de elo continuativo, nas seqüências das ações a serem executadas pelo personagem Gatão ao despir a namorada.

Nas figuras 5 e 6, *agora* também exerce essa função:



Figura 5: Gatão de meia-idade, de Miguel Paiva
Fonte: Paiva, 1995

⁴⁷ “Os articuladores textuais podem ter por função relacionar elementos de conteúdo, ou seja, situar os estados de coisas de que o enunciado fala no espaço e/ou no tempo, e/ou estabelecer entre eles relações de tipo lógico-semântico (causalidade, condicionalidade, conformidade, disjunção etc.), bem como sinalizar relações discursivo-argumentativas; podem funcionar como organizadores textuais, ou, ainda, exercer, no texto, funções de ordem metadiscursiva” (KOCH, 2004, p. 129).

O personagem Gatão, nos dois primeiros quadros, planeja uma ação e, para isso, utiliza-se de seus instrumentos de trabalho para fazer um projeto. O uso do *agora* funciona não só como recurso para estruturar o texto, no sentido de marcar sequência de ações, como também atua como gatilho para deflagração do humor, uma vez que ele tenta realizar uma tarefa que normalmente cabe às mulheres, relacionando ideias a princípio não relacionáveis.



Figura 6: Gatão de meia-idade, de Miguel Paiva
Fonte: Paiva, 1995

No último quadro da figura 6, a mãe do personagem Julinho Neves, após oferecer ao filho um copo de leite morno, como informa o narrador da tira, manda-o escovar os dentes e, depois, ir se deitar. *Agora* propicia uma continuidade às ações a que o filho deve obedecer.

Ao promover a função de articulador textual, a abstratização do sentido adverbial é maior, embora ainda seja possível identificar resíduos do sentido temporal característico de advérbio, uma vez que o processo de gramaticalização prevê a manutenção de vestígios de funções primitivas.

Dessa maneira, o item *agora*, na função, apresenta-se com o sentido mais abstratizado sem, contudo, deixar seu traço característico de [+ referência presente]. Perde o traço [+mobilidade], pois serve para unir proposições, e adquire o traço [+fixação]. Nesse contexto, *agora* atua no nível mais gramatical em relação à função sintática e exerce funções conectivas no texto, passando a funcionar como recurso para o encadeamento de enunciados sucessivos, responsável pela progressão textual. No nível semântico, manifesta-se basicamente estabelecendo relações de causalidade e de contrajunção.

Segundo Fávero (1992), “a relação de causalidade [...] é expressa pelas construções que a gramática chama de causais, conclusivas e consecutivas”. Essa relação de causalidade pode ser observada na figura 7:



Figura 7: Gatão de meia-idade, de Miguel Paiva
Fonte: Paiva, 1995

Levando-se em consideração que a noção semântica implícita na fala da personagem indica conclusão, pode-se reescrever a fala da personagem da seguinte forma: Meu pai dormiu, portanto posso ver “A volta dos mortos vivos”.

Conforme o explicitado anteriormente, pode-se inferir que a relação de causa/consequência conduz ao sentido de conclusão. Pode-se, também, constatar essa relação causa/consequência na tira da figura 8, abaixo:



Figura 8: Gatão de meia-idade, de Miguel Paiva
Fonte: Paiva, 1995

Agora propicia a junção de enunciados, promovendo uma relação de causalidade, que se viabiliza semanticamente em: “*não tem mais ninguém lá fora*”, cujo segundo enunciado, “*posso voltar a trabalhar*”, indicia para uma relação de causa/consequência.

Para Fávero (1992: 56), a contrajunção “designa o tipo de junção que articula sequencialmente frases cujos conteúdos se opõem”. Azeredo (2000, p. 249), ao tratar do valor contrastivo das conjunções adversativas, atribui a elas valor semântico de oposição de dois conteúdos e de quebra de uma expectativa. No seu valor juntivo de contrajunção, com base na análise do *corpus*, verifica-se que o item *agora* estabelece basicamente relações de ressalva, de contraste e de contra-expectativa.

Na função de ressalva, *agora* introduz uma noção semântica de restrição: uma primeira proposição (p), tomada como verdadeira, será delimitada pela segunda proposição (q), como se pode observar na figura 9:



Figura 9: Gatão de meia-idade, de Miguel Paiva
Fonte: Paiva, 1995

Pode-se constatar que *agora*, semanticamente, distancia-se de sua significação temporal prototípica e passa a exercer a função de um elemento juntivo, unindo segmentos que se

complementam. No último quadro da figura 9, o Gatão menciona que “é duro ser abandonado por mulher”; em seguida ele ressalta que “ser abandonado pela ex-mulher é humilhante”. Esse último seguimento introduzido pelo item *agora* indicia para uma ideia de ressalva, orientando a produção de sentidos. Isso pode ser observado no esquema que segue:

Proposição p	Agora	Proposição q
“ser abandonado por mulher é duro”	Agora = só que	“ser abandonado pela ex-mulher é humilhante”

QUADRO 2 – Agora com função de ressalva

Na figura 10, *agora* vem acompanhado do item *mas*. Com o sentido mais abstratizado do que o sentido original (adverbial), sua função, na tira, parece conferir uma característica de adversidade, sem perder vestígios de seu sentido primitivo. Esse valor adversativo é marcado pela oposição temporal passada (casado) X presente (solteiro), conforme se verifica nos diálogos abaixo:



Figura 10: Gatão de meia-idade, de Miguel Paiva
Fonte: Paiva, 1995

Na figura 10, o item *agora* marca uma cláusula, cujo conteúdo semântico quebra a expectativa em relação ao curso normal dos acontecimentos. Na tira da figura 11, o ouvinte cria toda uma expectativa em relação ao que o falante poderia ter deixado subentendido em seu discurso, *agora* propicia a quebra de expectativa:



Figura 11: Gatão de meia-idade, de Miguel Paiva
Fonte: Paiva, 1996

Nos diálogos acima, *agora* marca uma cláusula, cujo conteúdo contrasta com a estrutura de expectativa do enquadre social. O que ocorre na tira é a ideia de contra-expectativa em relação ao contexto, pois se cria toda uma expectativa em relação ao comportamento de um homem ideal para se casar: um cavalheiro, pronto para ajudar nas tarefas, como carregar compras, consertar uma pia, etc e a ocorrência do item *agora* quebra essa expectativa. Há, na tira em análise, no quarto quadro, a negação de uma pressuposição, decorrente do fato de o personagem Gatão não agir de acordo com a estrutura de expectativa criada pela personagem feminina da tira.

O esquema abaixo ilustra isso:

Expectativa	Pressuposição	Agora	Constatação
Ele é gentil, prestativo	É provável que seja o homem ideal para se relacionar		Ele não quer nada sério

QUADRO 3 - Agora com função de contraexpectativa

Agora, além de exercer a função de [+ conector], volta-se para interação entre os falantes e adquire traço [+ sequenciador textual⁴⁸] e atua na organização de unidades tópicas. Nesta função, por meio de processos sociodiscursivos, *agora* perde restrições gramaticais, sobretudo seu uso exofórico e seu uso juntivo, já que não integra a estrutura oracional, e passa a exercer funções voltadas para organização de unidades textuais, em relação a tópicos ou segmentos de tópicos.

A noção de tópico discursivo, ou “o tema central de um texto” ou “o que está sendo falado/escrito”, é definido, inicialmente, por Jubran et al. (1992), como uma categoria abstrata, primitiva, que se manifesta na conversação, mediante enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis, concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem (1992, p. 361).

Entendido como o(s) assunto(s) focalizado(s), o tópico é caracterizado com o fio unificador e estruturador que perpassa do texto. Abrange duas propriedades: a *centração* (“sobre o que se diz”), que consiste no inter-relacionamento das unidades de sentido do texto, convergindo para um eixo temático, e a *organicidade* (“como se trata o que se diz”), que diz respeito à relação entre os vários tópicos de um mesmo texto. A *centração*, por sua vez, abrange os traços de concernência, relevância e pontualização:

⁴⁸ Sequenciador textual exerce a função de “amarrar” textualmente as informações e de direcionar as perspectivas do falante em relação ao assunto, direcionando o tópico discursivo.

- a) concernência: relação de interdependência semântica entre os enunciados – implicativa, associativa, exemplificativa ou de outra ordem – pela qual se dá sua integração no referido conjunto de referentes explícitos ou inferíveis;
- b) relevância: proeminência desse conjunto, decorrente da posição focal assumida pelos seus elementos;
- c) pontualização: localização desse conjunto, tido como focal, em determinado momento da mensagem (JUBRAN et al., [1992] 2002, p. 344).

Para Jubran (2006), a propriedade de centração, tal como aparece no trabalho de [1992] 2002, apoia-se na função representacional e “não abarca a contrapartida interacional, pertinente a uma abordagem textual-interativa do texto” (JUBRAN, 2006, p. 35). Ela propõe que as noções de concernência, relevância e pontualização sejam revistas a partir de uma noção mais ampla de interação:

- a) a concernência: relação de interdependência entre elementos textuais, firmada por mecanismos coesivos de sequenciação e referenciação, que promovem a integração desses elementos em um conjunto referencial, instaurado no texto como alvo da interação verbal;
- b) a relevância: proeminência de elementos textuais na constituição desse conjunto referencial, que são projetados como focais, tendo em vista o processo interativo;
- c) a pontualização: localização desse conjunto em determinado ponto do texto, fundamentada na integração (concernência) e na proeminência (relevância) de seus elementos, instituídas com finalidades interacionais (JUBRAN, 2006, p. 35).

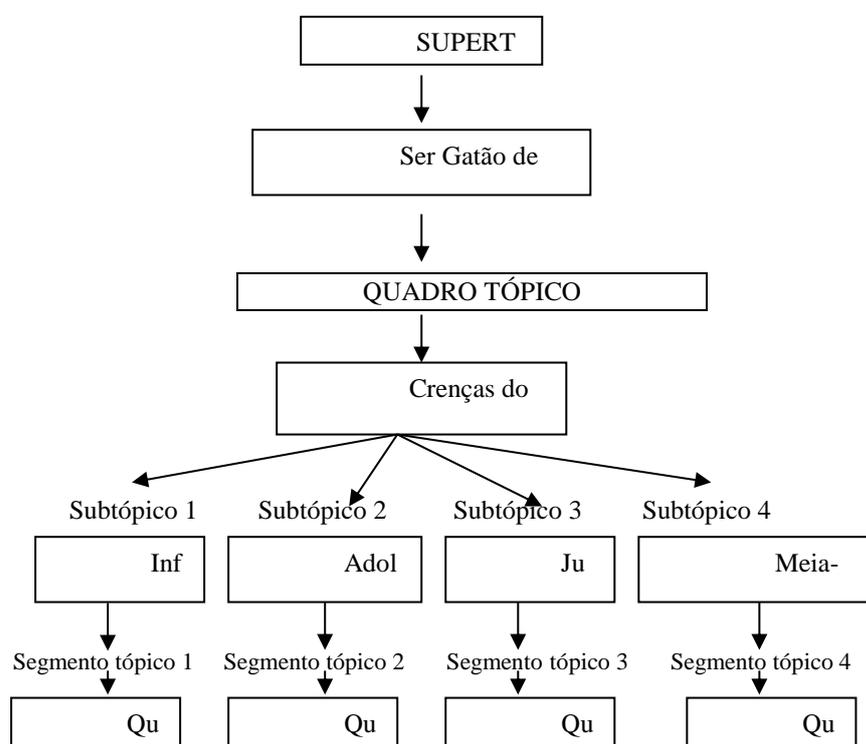
A partir dessa perspectiva mais ampla, o tópico é entendido como uma categoria analítica de natureza abstrata, textual e interacional. Por outro lado, o segmento tópico é a sequência textual que pode ser observada e analisada na materialidade textual, ou seja, na explicitude do texto. Trata-se de uma unidade textual, que, em termos de centração, revela concernência e relevância no conjunto dos seus elementos e se localiza em um determinado ponto do texto (CAVALCANTE et al., 2010).

Ao adquirir o traço [+ introdutor subtópicos], o item *agora* estabelece conexão entre um subtópico e outro subtópico, ocupando a posição inicial de subtópico.



Figura 12: Gatão de meia-idade, de Miguel Paiva
Fonte: Paiva, 1995

Destaca-se, na figura 12, as crenças do Gatão (quadro tópico), que, com 40 anos, já não acredita nas mesmas coisas que antes. O item *agora* (presente no quadro 4) estabelece a conexão entre um subtópico (crenças da juventude) e outro subtópico (crenças da maturidade) e estabelece uma espécie de contraposição entre os enunciados, definida pelo contraste de crenças, conforme Quadro Tópico (QT)⁴⁹ a seguir:



QUADRO 3 – Quadro Tópico “Ser Gatão de meia-idade”

O uso de *agora* como traço [+ introdutor de digressão⁵⁰] ocorre quando um personagem insere um segmento tópico no interior de outro.

⁴⁹ Trata-se de um procedimento metodológico, usado para indicar os tópicos subordinadores e os subordinados. Os Quadros Tópicos são caracterizados pelas seguintes condições a) “a centração num tópico mais abrangente (Supertópico – ST), que recobre e delimita a porção de discurso em que ele é focal”; b) “a divisão interna em co-constituintes (Subtópicos – SbT), situados numa mesma camada de organização tópica, na medida em que apresentam o mesmo teor de concernência relativamente ao ST que lhes é comum”; c) “subdivisões sucessivas no interior de cada tópico co-constituente, de forma que um tópico pode vir a ser ao mesmo tempo ST ou SbT, se mediar uma relação de interdependência entre dois níveis não imediatos” (JUBRAN et al. 2002, p.346).

⁵⁰ Para Andrade (2001, p. 74), a digressão caracteriza-se como uma porção textual que não se acha diretamente relacionada com o segmento precedente, nem com o lhe segue. Isso, contudo, não cria uma ruptura da coerência.



Figura 13: Gatão de meia-idade, de Miguel Paiva
 Fonte: Paiva, 1996

Na figura 13, a filha pré-adolescente diz ao pai que menstruou. No terceiro quadro, *agora*, promove uma descontinuidade na organização tópica, perturbada pela introdução de assunto constitutivo de outro subtópico na seqüencialidade. Insere-se, nesse quadro, uma reflexão do personagem sobre quando o assunto deveria ser abordado (na tira de 2ª feira) e não sobre o ato de menstruar em si, que representa o tópico. É provável que na tira de 2ª feira tenha aparecido a menina com a mãe conversando sobre o ato de menstruar, o que restabeleceria a linearidade.

Além de sinalizar a abertura de um subtópico, parece ter a função de modalizador, pois marca a incerteza, a insegurança do Gatão em relação à situação, já que, no segundo quadro, pode-se perceber, por meio de sua expressão fisionômica, que ele não sabe como agir.

O uso de *agora* como traço [+ redirecionador de tópico], na figura 14, ocorre quando um personagem deixa de lado o tópico principal ou subtópico sobre o qual discorre para dar explicações, fazer comentários, apresentar um ponto de vista ou uma opinião do sobre o que está sendo tratado.



Figura 14: Gatão de meia-idade, de Miguel Paiva
 Fonte: Paiva, 1995

Agora, na tira em análise, opera uma reorientação discursiva, identificando, a partir de diferentes expectativas geradas, a relação dos personagens com o sequenciamento temático do fluxo de informações. Além disso, é responsável pelo gerenciamento dos tópicos conversacionais, marcando a introdução e o redirecionamento dos tópicos.

Considerações finais

Neste trabalho, buscou-se descrever e explicar a multifuncionalidade do item *agora* em tiras do *Gatão de meia-idade*. Em relação às funções assumidas, pôde-se verificar desde o uso mais concreto do *agora* (locativo temporal) até usos menos concretos (sequenciador textual), o que evidencia estar esse item em gramaticalização, processo que desencadeia não apenas uma ressignificação, mas também uma reestruturação sintática, como evidenciam Capistrano Júnior (2005) e Lins (2007).

Além disso, o possível diálogo da teoria da gramaticalização com os conceitos e as categorias da Linguística Textual mostrou-se bastante relevante na análise da multifuncionalidade do *agora* nas interações do personagem *Gatão de meia-idade*.

Referências

ANDRADE, M. L. C. V. O. **Relevância e contexto**: o uso de digressões na língua falada. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Fapesp, 2001.

AZEREDO, J. C. **Fundamentos de gramática do português**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

CAPISTRANO JUNIOR, R. de. **A multifuncionalidade do item AGORA em tiras de quadrinhos**: da gramática ao discurso. Belo Horizonte: PUC, 2005. (Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa).

CAVALCANTE, M. M. **Referenciação**: sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

_____.; et al. Dimensões textuais nas perspectivas sociocognitiva e interacional. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Orgs.). **Linguística de texto a análise da conversação**: panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010, p. 225-261.

FÁVERO, L. L. O processo de coordenação e subordinação: uma proposta de revisão. In: CLEMENTE, E. (org.). **Linguística aplicada ao ensino de português**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992, p. 52-61.

HEINE, B. et al. **Grammaticalization**: a conceptual framework. Chicago. Univ. Chicago Press. 1991.

HOPPER, P. J. Emergent grammar. **Berkeley Linguistics Society**, v. 13, p. 139-157.

_____.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

JUBRAN, C.C.A.S et al. Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (Org.). **Gramática do português falado**. vol. II. 4. ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002, p. 341-377.

_____. Revisitando a noção de tópico discursivo. In KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; REZENDE, R. (Orgs.). **Cadernos de Estudos Linguísticos**. O tópico discursivo. 48 (1), Campinas: Unicamp, 2006, p. 33-41.

KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual**: trajetórias e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **As tramas do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

LINS, M. da P. P. **Organização tópica do discurso de tiras diárias de quadrinhos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. (Tese de Doutorado em Linguística).

_____. Gramaticalização de agora. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 1, n. 1, p. 135-154, 2007.

MARTELLOTA, M. E.; VOTRE, S. J. **Trajetoórias de gramaticalização e discursivização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998 (mimeog.).

_____.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. **Gramaticalização no português do Brasil**: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MEILLET, Antoine. L'évolution des formes grammaticales. In: **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Champion, 1982.

NEVES, M. H. M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

PAIVA, M. **Gatão de meia-idade**. v. 1. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

_____. **Gatão de meia-idade**. v. 2. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

ROSÁRIO, I. C. **Expressão da concessividade em construções do português do Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012. (Tese de Doutorado em Letras Vernáculas – Língua Portuguesa).

TRAUGOTT, E. e KÖNIG. The semantic-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E. e HEINE, B. (Eds) **Approaches to grammaticalization**. v.2. Amsterdam. Benjamins, 1991.

TAVARES, M. A. **Um estudo variacionista de AÍ, DAÍ, ENTÃO e E como conectores sequenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1999.